

RESENHA

Maria Cristina Bohn Martins¹

VAINFAS, Ronaldo. *Micro-história. Os Protagonistas Anônimos da História*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

Em 1997, a Editora Campus lançou uma obra que reunia uma série de ensaios gerais sobre teoria e metodologia, analisando os percursos, os principais conceitos e o debate em diversos campos da prática historiográfica. O livro “*Domínios da História*”², organizado pelos professores da Universidade Federal Fluminense, Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas, logo se tornou referência em cursos de Graduação e Pós-Graduação,³ ao revelar-se um importante instrumento de trabalho para professores e pesquisadores.

Naquela obra, além da Conclusão, em que avaliava os “caminhos e descaminhos da história”, Ronaldo Vainfas foi também responsável pelo capítulo intitulado “*História das Mentalidades e História Cultural*”, texto no qual elaborou reflexões que, de certa forma, acabaria por retomar e ampliar neste seu “*Micro-história. Os Protagonistas Anônimos da História*”, lançado pela mesma Campus em 2002.

Se naquele momento o autor estava empenhado em “*contextualizar a história das mentalidades no quadro maior da historiografia francesa filiada ao movimento dos Annales*” (p. 128), analisar suas “*potencialidades e insuficiências*” (p.129) e, ainda, avaliar os campos que a sucederam “*dela diferindo teoricamente ou simplesmente reeditando seus pressupostos com outras denominações, enfatizando especialmente a chamada história cultural*” (p.129), nesta obra mais recente, o autor centra sua reflexão em torno dos estudos de micro-história.

Operando com uma escala de observação reduzida e valendo-se de uma exploração intensiva das fontes, entre outras características, estes estudos, como gênero historiográfico, têm sua origem nos inícios da década de 80⁴, como título da coleção

¹ Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS. São Leopoldo, novembro de 2003.

² CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História. Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

³ Lançada em 1997, a obra logo alcançaria sua 12ª Tiragem ainda neste ano.

⁴ Vainfas sugere que “*O queijo e os vermes*” de Ginzburg, cuja primeira edição é de 1976, tenha sido o “*livro-chave e inspirador*” da corrente.

Microstorie da Editora Einaudi, dirigida por Carlo Ginzburg e Giovanni Levi, dois de seus nomes mais consagrados. A iniciativa, recorda-nos Vainfas, localizava-se dentro dos quadros do debate historiográfico das décadas de 1970 e 1980, marcado, tanto pela “*crise do paradigma marxista e de outros modelos de história totalizante*”, quanto pela “*‘solução’ das mentalidades que cedo se mostrou inconsistente no plano estritamente teórico-metodológico*”. (p. 68)

Apesar de uma relativa “tradição” de mais duas décadas, portanto, os estudos micro-históricos têm sido, de acordo com Vainfas, prisioneiros de “*equivocos e malentendidos*”, uma vez que são freqüentemente confundidos com a história das mentalidades ou do cotidiano e tomados como “*exemplo maior de uma história que renunciou a seu estatuto de conhecimento científico, invadindo o território da literatura e rompendo de vez as fronteiras que mantinha com a narrativa ficcional*”. (p. 10)

Neste sentido, o objetivo da obra que aqui apresentamos é, nas palavras de seu autor, justamente, “*tentar esclarecer, afinal, o que é a micro-história, suas propostas, seus métodos, o lugar específico que ocupa na chamada Nova História*”. (p.11) Para isto, ele apresenta inicialmente (capítulo 1) um panorama dos estudos históricos no século XX, especialmente no que se refere à contribuição francesa tributária do movimento dos *Annales*. Detendo-se especialmente na chamada “história das mentalidades”, Vainfas contextualiza a produção a ela associada, analisa seus pressupostos conceituais, insuficiências e potencialidades, para concluir a respeito de uma primeira diferença fundamental da micro-história em relação a esta: “*sua renúncia à história geral, à contextualização sistemática, à explicação, à totalidade, à síntese*” (p. 51)

Estabelecida esta diferenciação, o livro passa a analisar “*O berço da micro-história*” (capítulo 2), recuperando as origens desta vertente historiográfica praticada não apenas por historiadores italianos, mas também por franceses, ingleses e norte-americanos. A proposta do autor é aí, esclarecer que, se este “*gênero de fazer e contar a história*” surgiu no âmbito da história cultural, acabou por superá-lo, ao ser capaz de apresentar “*formulações teóricas e metodológicas mais críticas*”. (p. 74) A partir de então, a fim de “*pôr a micro-história em cena, (...) expor seu estilo, (...) recortes preferenciais, suas opções conceituais*” (p. 74), Vainfas passa apresentar algumas de suas obras mais emblemáticas. Estão aí *O*

queijo e os vermes (Carlo Ginzburg), *O retorno de Martin Guerre* (Natalie Zemon Davies), *Atos impuros* (Judith Brown) e *A herança imaterial* (Giovanni Levi). A síntese destes verdadeiros clássicos da micro-história serve-lhe para analisar a escolha dos temas, a delimitação dos objetos de estudo e o aparato conceitual dos autores, colocando de relevo, justamente a sua maior consistência teórica em relação às mentalidades. Por fim, no quinto e último capítulo, o autor nos apresenta um rápido panorama do debate atual entre os defensores das escalas micro e macro na investigação histórica, apontando para um certo “*arrefecimento dos ânimos*” entre os defensores das duas vertentes de estudo, bem como as possibilidades e os limites de cada uma na produção do conhecimento histórico.

Embora não faça proselitismo em defesa das práticas de micro-análise, Vainfas - que esclarece que ele próprio apenas raramente incursionou pelo gênero - não deixa de mostrar-se simpático às potencialidades oferecidas por elas. É neste sentido que ele esquadrinha e responde as críticas mais severas que a micro-história recebeu, tais como a de fragmentar a história, de ser um gênero menor dentro dos estudos históricos ou de romper as fronteiras com a narrativa ficcional. A estas e outras críticas, Vainfas responde com um panorama das inúmeras possibilidades ensejadas pelos recortes microscópicos, ou pelo menos, daquilo que foi escrito pelo melhor da micro-história. Indo mais além, pondera, a nosso juízo, corretamente, acerca das necessárias relações que se devem estabelecer entre as diferentes escalas de observação dadas ao historiador. Reconhecê-las como complementares, afirma o autor, não significa desconsiderar que a sua conjugação seja fácil: “*ambas possuem limitações e se poderia mesmo dizer que uma oculta o que a outra alcança e vice-versa*” (p. 149) Permite contudo, identificar que os parâmetros da boa produção historiográfica (“*pesquisa séria, problemática relevante e clareza expositiva*”) podem situar-se além do debate entre o episódico e o estrutural.